



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

<https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61888>

A Ficção como signo-cesta

Fiction as Carrier Bag-sign

Lethícia Pinheiro Angelim*
le.angelim@gmail.com

Resumo: O experimento mental como recurso filosófico não é raro ou mesmo recente – podemos pensar no gato de Schrödinger ou na alegoria platônica da caverna. Porém, é incomum que textos ancorados na Filosofia se proponham a analisar objetos ou debater propostas da literatura de ficção, e em especial, da ficção científica. Apressadamente tomada, a relação levantaria um descompasso entre a preocupação filosófica com realidade e verdade e a libertária licença poética da ficção. É como se imaginação filosófica e imaginação criativa não pudessem coexistir. Advogamos justo o oposto disso. Acreditamos que esse descompasso não se sustenta para além da aparência, de uma imposição forçosamente rígida entre realidade e ficção como campos apartados. Este artigo pretende analisar a possibilidade de a ficção científica operar como ferramenta cognitiva capaz não só de simular, mas propor novas dinâmicas para o mundo presente, informando sobre o real. Aproximando o exercício de criar histórias do exercício de pensar realidades alternativas, a ficção científica abre espaço para o questionamento crítico e transformação de nossa própria realidade da vigília, deixando de ser um mero devaneio necessariamente desprovido de agência no mundo. Para tanto, faremos uso de certos aspectos da filosofia semiótica de Charles S. Peirce e de alguns ensaios de Ursula K. Le Guin acerca da ficção científica e da habilidade narrativa. Para Peirce, signos encadeiam-se ininterruptamente em semioses que participam tanto na compreensão do mundo quanto em sua intervenção. Ainda que o exercício da ficção científica possa parecer à primeira vista contraintuitivo ou antinatural, explorar mentalmente novas possibilidades pode render *insights* preciosos. Peirce institui e valoriza um terceiro modo de pensamento, diferente da lógica vertical da dedução e da indução: a abdução, operação do raciocínio que busca explicar fatos por meio de hipóteses. Poderíamos pensar que a ficção científica muitas vezes se vale de abduções na busca de vislumbrar uma compreensão mais profunda. *Insights* não simplesmente bons para examinar como seriam situações alternativas, fictícias, mas úteis na necessária tarefa de pôr-se em crítica e transformação contínua do mundo para um lugar melhor. De Ursula Le Guin, examinamos de que modo a habilidade – até onde sabemos – humana de narração fictícia pode ser uma tecnologia de transformação do que é o caso no presente real no qual convivemos. A autora faz uma analogia entre a capacidade de narrar e a cesta: ambas seriam umas das primeiras tecnologias evolutivas de nossa espécie. Cestas e bolsas, histórias e estórias, são artefatos semióticos que armazenam, transportam, reúnem, classificam, alimentam. A ficção como uma cesta e como um signo é uma proposta que alberga e põe em relação não só humanos, mas seres diversos, conectados em semioses mais ou menos próximas, mais ou menos dependentes, mais ou menos perceptíveis; mas nunca, irrealis.

Palavras-chave: Charles Peirce. Ficção. Ursula Le Guin.

Abstract: *Thought experiment as a philosophical resource is not rare or even recent – we can think of Schrödinger's cat or the Platonic Allegory of the Cave. However, it is uncommon for texts anchored in Philosophy to propose to analyze objects or debate proposals from fiction literature, and in particular, science fiction. Hastily taken, the relation would raise a mismatch between the philosophical concern with reality and truth and the libertarian poetic license of fiction. As if philosophical imagination and creative imagination could not coexist. We advocate just the opposite. We believe that this mismatch cannot be sustained beyond appearance, a forcefully rigid imposition between reality and*



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade de Brasília - UnB.

fiction as separate fields. This paper intends to analyze the possibility of science fiction operate as a cognitive tool capable not only of simulating, but also proposing new dynamics for the present world, informing about the real. Bringing the exercise of creating stories closer to the exercise of thinking about alternative realities, science fiction opens space for critical questioning and transformation of our own waking reality, ceasing to be a mere daydream necessarily devoid of agency in the world. In order to do so, we will make use of certain aspects of Charles Peirce's semiotic philosophy and some of Ursula K. Le Guin's essays on science fiction and narrative skill. For Peirce, signs are uninterruptedly linked in semiosis that participate both in the understanding of the world and in its intervention. While the exercise of science fiction at first may seem counterintuitive or unnatural, mentally exploring new possibilities can yield precious insights. Peirce institutes and values a third way of thinking, different from the vertical logic of deduction and induction: abduction, an operation of reasoning that seeks to explain facts through hypotheses. We might think that science fiction often relies on abductions in the quest to glimpse deeper understanding. Insights not simply good for examining what alternative, fictitious situations would be like, but useful in the necessary task of putting oneself in criticism and continuous transformation of the world into a better place. From Ursula Le Guin, we examine how the – as far as we know – human skill of fictional narration can be a technology of transformation of what is the case in the real present we live in. The author makes an analogy between the ability to narrate and the carrier bag: both would be one of the first evolutionary technologies of our species. Bags and baskets, histories and stories, are semiotic artifacts that store, transport, gather, classify, feed. Fiction as a carrier bag and as a sign is a proposal that shelters and puts in relationship not only humans, but diverse beings, connected in semiosis more or less close, more or less dependent, more or less perceptible; but never unreal.

Keywords: Charles Peirce. Fiction. Ursula Le Guin.

1 Introdução

O experimento mental usado como recurso filosófico não é algo raro ou mesmo recente – podemos pensar no gato de Schrödinger ou na alegoria platônica da caverna. Porém, é incomum que textos ancorados na Filosofia se proponham a analisar objetos ou a debater propostas da literatura de ficção e, em especial, da ficção científica. Apressadamente tomada, a relação levantaria um descompasso entre a preocupação filosófica com realidade e verdade e a libertária licença poética da ficção. É como se abstração filosófica e imaginação criativa não pudessem coexistir. Aqui, advoga-se justo o oposto disso. Acreditamos que esse descompasso não se sustenta para além da aparência, em uma imposição forçosamente rígida entre realidade e ficção como campos fundamentalmente apartados.

Este texto pretende analisar a possibilidade de a ficção científica operar como ferramenta cognitiva capaz não só de informar sobre o real, mas simulando-o, experimentar novas dinâmicas para o mundo presente. Ao aproximar o exercício de criar histórias daquele de pensar realidades alternativas, a ficção científica abre espaço para o questionamento crítico e para a transformação de nossa própria realidade da vigília, deixando, portanto, de ser um mero devaneio ocioso necessariamente desprovido de agência no mundo.

Como companhia para essa proposta (talvez pouco dogmática), buscamos amparo na filosofia semiótica de Charles S. Peirce e em alguns ensaios de Ursula K. Le Guin acerca da ficção científica e da habilidade narrativa.

2 A ficção como signo

Peirce postulou que signos se encadeiam ininterruptamente em semioses que participam tanto na compreensão do mundo quanto em sua intervenção. Pois, uma vez que a percepção e entendimento que temos das situações orientam nossas escolhas e atuação, estas, de seu lado, constituem semioses que agem sob o próprio contexto – seja para reforçá-lo em hábitos ou para modificá-lo. Nossos hábitos mentais e crenças orientam nossos modos de ação. Não é possível, portanto, apartar a doutrina peirceana dos signos daquela do pragmatismo evolucionista. A semiótica é uma arquitetura ontológica, fundamentada na ação do signo, e o pragmatismo peirceano (ou pragmaticismo) traz ferramentas para analisar logicamente o desenvolvimento desta ação no mundo. Como diz Santaella:

Para que a função do signo seja preenchida e para haver o crescimento da potencialidade da ideia, *sua corporificação deve se dar não apenas por meio de símbolos, mas também de ações, hábitos e mudanças de hábitos.* [...] Os três juntos compõem aquilo que Peirce passou a considerar como o *summum bonum* estético, coincidente com o ideal pragmatista último, a saber, o crescimento da razoabilidade *concreta*, o crescimento da razão criativa *no mundo*. O mais alto grau de liberdade do humano encontra-se, portanto, na adoção deliberada desse ideal e no nosso empenho ético também deliberado, na *colaboração* que podemos prestar, cada um de nós, para a corporificação crescente da razão criativa no mundo. (SANTAELLA, 2004, p. 82, grifo nosso).

Assim, o pensamento não se encontra distanciado do mundo, mas deve ser, ao contrário, orientado para a ação no mundo, com a manutenção ou criação de hábitos. Por certo, tanto melhor quando essa ação se torna uma escolha ciente, autocontrolada,¹ de seu potencial de contribuição a uma razão criativa incorporada e viva. A ficção como signo da realidade aponta para um processo complexo de percepção, representação e comunicação do mundo externo. Comunicação esta que é feita não apenas por símbolos imateriais, mas também por meio de atos. O crescimento evolutivo da razoabilidade requer uma mudança de hábito, e esta, de seu lado, necessita de autocritica e autocontrole, que permitem avaliar as consequências dos hábitos de ação.

Essa avaliação, por sua vez, é dependente da ética à medida que esta aponta para o ideal que estamos deliberadamente preparados para adotar. Esse ideal, que a estética tem por função iluminar, é o ideal pragmático último. De um lado, portanto, somos irresistivelmente atraídos pelo admirável, pelo crescimento da razão criativa no mundo; de outro lado, o poder de autocritica e autocontrole da razão conduz nossas mudanças de hábito de modo que se permita ser a ação ética exercida rumo a esse ideal. (SANTAELLA, 2004, p. 82).

Poderíamos pensar que a ficção científica muitas vezes se vale de hipóteses com o intuito de vislumbrar uma compreensão mais profunda da realidade. Na busca de *insights* não simplesmente bons para examinar como seriam situações alternativas, fictícias, mas úteis na necessária tarefa de pôr-se em crítica e transformação contínua do mundo para um lugar melhor. Afinal, se imaginamos futuros, sejam prazerosos ou assustadores, para que se tornem realidade ou para que sejam evitados, é necessário produzi-los no presente.

Sendo vivo, o pensamento não é um unísono repetido mecanicamente. Além de considerar a lógica vertical da dedução e da indução, Peirce institui e valoriza um terceiro modo de pensamento: a abdução, operação do raciocínio que busca explicar algo surpreendente por meio da criação de uma hipótese sugerida pelos fatos.

A abdução é um conceito que evoluiu ao longo de toda a produção peirceana. Inicialmente denominada hipótese e configurando uma forma de inferência, ela posteriormente foi chamada retrodução, quando se aproxima do *apagogué* de Aristóteles, adquirindo função metodológica, como uma etapa da investigação. Só depois é nomeada abdução, separando-se totalmente da indução, como o estágio criativo inicial, a ser posteriormente comprovada mediante dedução (que explora as consequências lógicas das afirmações) e indução (que tenta estabelecer os fatos). É na abdução que novas ideias são introduzidas, algo que não ocorre na indução e dedução. Ela é originária, espontânea, livre e refere-se ao ato criativo, seja na ciência, na arte ou no cotidiano (SANTAELLA, 2005, p. 188-189).

E devemos sempre ter em mente que modos de pensamento implicam em modos de ação. Isso faz com que a ficção científica, mesmo quando faz uso de um ambiente absurdo ou irreal, deva ser

1 Na pena do autor, *autocontrolado* deve ser entendido como aquilo que é "controlado pelo self do pensador" e não como aquilo que mecanicamente reproduz a si mesmo, automático (EP2:435).

tomada como exercício especulativo de exame de um modo de ação. Como agiríamos em determinada situação? Quais os efeitos desta outra? O que podemos trazer desse aprendizado especulativo para nossa conduta?

Se a função do pensamento, como [Peirce] diz, é guiar nossas ações, esclarecer hábitos de pensamento é esclarecer regras de ação: quais espécies de hábitos levam a quais modos ou espécies de ação? Aí está o problema central do pragmatismo para Peirce: determinar como agiríamos, não apenas em situações prováveis e factíveis, mas em quaisquer situações possíveis, inclusive nas mais improváveis [W 3: 265, 1878]. (RODRIGUES, 2017).

Para Peirce, a abdução guarda profunda afinidade com o instinto racional da nossa espécie, o que pode ser remetido à defesa que Le Guin faz de nossa capacidade narrativa enquanto tecnologia de sobrevivência, a ser tratada mais à frente. Capacidade abdutiva e capacidade narrativa seriam tecnologias (apenas humanas, talvez) de manufaturar sentidos que nos aproximam do mundo.

Em todos os domínios e em todos os níveis em que o instinto se manifesta, ele está sempre preocupado com a proteção e sobrevivência da espécie através da capacidade de reagir adequadamente às condições do ambiente. *Na humanidade, a reação adequada é a reação criativa, quando o instinto se traduz em uma faculdade eminentemente criativa*, que não se volta para a satisfação de um indivíduo, mas *para interesses sociais*. É por isso que a abdução encontra seu domínio mais natural na ciência e na arte. (SANTAELLA, 2005, p. 190, grifo nosso).

Todavia, mesmo a mais ousada ou desbaratada ficção guarda ainda um resquício de familiaridade, algum nexos com o cognoscível. Deve-se ter cuidado em não tomar o caráter original e criativo da abdução como um surgimento de fenômenos ou ideias descoladas do contexto do qual participam.

A abdução é um raciocínio por hipóteses, isto é, pela explicação que surge espontaneamente ao ponderar o que nos surpreendeu numa circunstância concreta. [...] Ainda que não seria possível sem conhecimentos prévios, Peirce lhe atribui um caráter originário (CP 5.181, 1903) a hipótese abdutiva, a conclusão inédita, por assim dizer, não está contida nas premissas, o novo conceito não está contido como algo já sabido. (BARRENA, 2003, p. 121).

“A abdução não é uma mera ‘operação lógica’, mas do ponto de vista semiótico é, antes, essa atividade espontânea de nosso entendimento que nos torna familiar o estranho, dando razão ao que nos surpreendeu” (NUBIOLA, 1998). A inferência abdutiva torna plausível um fato admirável, e no plano de fundo das imagens maravilhosas e estranhas da ficção científica está uma operação sutil de surpresa e um estranhamento muito maior com o mundo tal como o vivenciamos: a ideia de que ele poderia ser de outra forma sugere que ele não precisa ser da forma atual; ou de que a forma atual, se intensificada, deixará de ser familiar e transformar-se-á em uma caricatura apocalíptica e irreconhecível de nós mesmos.

Essa outra forma, bem como qualquer outra coisa que se perceba ou imagine, não é totalmente descolada da realidade: o absolutamente incognoscível é negado por Peirce, pois é desconectado de qualquer signo que conhecemos. Mesmo inconscientemente, não poderíamos sequer percebê-lo ou imaginá-lo. Tudo que é possível de ser pensado ou percebido está dentro de um fluxo de signos. O surgimento de uma nova experiência não é algo independente disso, mas um episódio inserido num curso do tempo e do processo cognitivo.

Peirce define a capacidade de introspecção como uma cognição originária, a primeira, indeterminada e desconectada do fluxo cognitivo. Isso faz dela impossível, pois que a cognição é sempre um *processo* sem extremo originário identificável. O absolutamente incognoscível não está inserido no domínio da experiência (ainda que mental), desta forma impossibilitando sua identificação. A própria ideia de que algo não é conhecível é autocontraditória, uma vez que seu objeto não é conhecível.

Interessante notar que a fim de explicar e testar nossas incapacidades, Peirce propôs o experimento mental do triângulo na água (EP1:26-27). Ele demonstraria nossa incapacidade intuitiva, por operar de forma similar ao paradoxo de Zenão (outro experimento mental), no qual Aquiles infinitesimalmente aproxima-se da tartaruga.

Em Peirce, a capacidade de informar sobre a verdade e a realidade é uma operação que requer uma etapa posterior da investigação, posterior à etapa abdução de formulação de hipóteses e que inclusive passa por todo um exame e formulação em comunidade. Coerente com o falibilismo, a abdução é um tipo de raciocínio que nem sempre resulta em acerto, o que, todavia, não deve desmerecer sua importância no processo de criação (seja científico, artístico, ou de corriqueira compreensão do mundo). Assim como o conhecimento não pode prescindir dela, tampouco pode ser resumido a ela. A experimentação, a simulação e a falha são situações cruciais inclusive tanto para o desenvolvimento científico quanto para a aprendizagem do indivíduo.

A abdução peirceana constitui uma reivindicação [...] da imaginação, que para Peirce é uma capacidade indissociavelmente ligada à criatividade da razão humana. Sem a imaginação, a emergência de hipóteses explicativas na abdução não seria possível. Isso significa entender a imaginação como algo mais do que a mera capacidade de fantasiar, de inventar coisas diferentes do real ou de nos perdermos em devaneios estereis. [...] Peirce deu à imaginação aquela capacidade que nem sempre foi levada em conta: *a imaginação nos permite explicar a realidade e desvendar suas leis.* (BARRENA: 2003, p. 168, grifo nosso).

Certa vez Peirce afirmou que

A obra do poeta ou romancista não é tão diferente da do homem científico. O artista introduz a ficção, mas não é arbitrário. [...] O geômetra desenha um diagrama, que se não é exatamente uma ficção, é pelo menos uma criação, e *por meio da observação desse diagrama ele é capaz de sintetizar e mostrar relações entre elementos que antes pareciam não ter conexão necessária.* As realidades nos obrigam a colocar algumas coisas em relação muito próxima e outras menos, de uma maneira altamente complicada e no sentido próprio ininteligível; mas é o gênio da mente que toma todos esses indícios de sentido, *acrescenta-lhes imensamente*, os torna precisos e os mostra de forma inteligível nas intuições do espaço e do tempo. [...] O verdadeiro preceito não é abster-se da hipostatização, mas fazê-lo com inteligência. (CP 1.383; EP1:261-262, grifo nosso).

Aproveitamos essa comparação para passar ao trabalho de Le Guin. Antes, contudo, é importante ressaltar que em nenhum momento defende-se aqui uma igualdade entre ficção e ciência, tampouco entre imaginação e realidade. Podemos fazer comparações e analogias, mas não é uma relação de exata identidade. Tampouco pretende-se sugerir que Peirce propôs uma construção da realidade.

Não há dúvida de que imaginar algo *não* é suficiente para que se materialize – aqueles que defendem isso não costumam ser pesquisadores ou escritores. Contudo, não se pode perder de vista a capacidade de *simulação* e de *aprendizagem* ofertada por exercícios imaginativos costumeiramente tratados como

de pouco valor, irracionais ou mero entretenimento. É o caso não só da ficção científica, mas também da brincadeira² e do sonho.³

Peirce indica que hábitos podem ser adquiridos através da imaginação repetida de uma reação particular, sem manifestação externa prévia. Pode-se imaginar a ocorrência de determinado estímulo e imaginar quais os resultados de diferentes atitudes de reação diante dele. Uma destas reações será escolhida como aquela de melhor solução, e quando um tal estímulo ou ocasião semelhante efetivamente acontecer, ainda que pela primeira vez, é possível reagir segundo o hábito já estabelecido imaginativamente. Diz o autor:

Lembro-me que um dia, na mesa do meu pai, minha mãe derramou álcool em chamas na saia. Instantaneamente, antes que o resto de nós tivesse tempo de pensar no que fazer, meu irmão Herbert, que era um garotinho, pegou o tapete e apagou o fogo. Surpreendemo-nos com a sua presteza, que, à medida que crescia, revelou-se característica. Perguntei-lhe como ele chegou a pensar nisso tão rapidamente. Ele disse: “Em um dia anterior, eu tinha suposto o que eu faria caso um acidente desse tipo ocorresse”. (CP 5.538).

3 A ficção como cesta

Em suma, tomaremos como pressupostos as formulações peirceanas de que a abdução é um processo de pensamento que gera uma informação nova ao formular uma explicação hipotética e de que é impossível conceber algo absolutamente incognoscível. Aplicarei estes pressupostos à teoria da Ficção como Cesta [*Carrier-Bag Theory*] desenvolvida pela escritora de ficção científica Ursula Le Guin. Esta, por sua vez, é uma aplicação feita por Le Guin à capacidade narrativa, e em especial, narrativas de ficção, da Teoria da Cesta de Elizabeth Fisher.

Segundo Fisher, o primeiro dispositivo cultural humano provavelmente foi algum tipo de recipiente e de tipografia ou rede. Ainda que a primeira imagem que nos venha à mente quando falamos do Paleolítico ou do Neolítico seja, provavelmente, a de uma caçada (provavelmente de mamute ou outro animal

2 Gregory Bateson (2000) defendeu que a comunicação verbal humana opera em muitos níveis contrastantes de abstração, que se distribuem em duas direções a partir do grau zero, que seria o denotativo. A evolução da comunicação passaria, nos animais, deste grau zero da linguagem – em que o estímulo e resposta costumam ser automáticos, pouco reflexivo, mais instintivo – para quando os organismos descobrem que os sinais que emitem são sinais, isto é, que as palavras não são as coisas. Esta compreensão permite falsificações, desvios, empatia, projeção e brincadeiras. É, portanto, uma capacidade que pode ser aprendida e exercitada. Quando Bateson viu dois macacos brincando de luta no zoológico, percebeu que eles eram capazes de acessar pelo menos algum outro nível dessas classes de mensagens abstratas. Mas a brincadeira contém a mensagem “isto é brincadeira, não uma luta” e gera um paradoxo, pois a brincadeira representa uma ação, mas não possui a mesma denotação que ela. A dentada na brincadeira denota, representa, a dentada na luta, mas os efeitos da dentada na brincadeira são um e os efeitos da dentada na luta são outros. Mais do que isso, não só os efeitos, mas as próprias dentadas são diferentes. E por mais contraditórias que sejam essas mensagens, logicamente falando, elas não apenas funcionam, como é muito comum o ato de brincarmos com estas regras e estes níveis ou de nos confundirmos com eles. Na brincadeira são encontrados sinais que representam outros eventos, o que pode indicar que a evolução deste fenômeno pode ter sido um passo importante na evolução da comunicação. Esses tipos de linguagem que muitas vezes são tratadas como bobas, menores ou sem importância – como o humor, a brincadeira, o jogo – são propostas por Bateson como um momento importante da sofisticação de nossa comunicação, por exercitarem a compreensão e manipulação de contextos e níveis de abstração. Isto é, a linguagem pode ser entendida a partir de um nível mais simples, denotativo, e ir dando voltas para níveis mais abstratos: metalinguísticos (que se voltam sobre o próprio conteúdo) ou metacomunicativos (dão um giro ao redor, considerando os contextos em que a linguagem está inserida). Assim, a ideia é pensar nestes jogos como situações que nos permitem, ainda que de modo inconsciente, tratar a linguagem como algo que vai muito além de indicar algo, ela seria uma ferramenta de invenção.

3 Sidarta Ribeiro (2019) aponta a conexão entre sonho e realidade da vigília não apenas porque esta constitui material para aquele, mas também porque a atividade onírica, especialmente nos mamíferos, e com ainda maior sofisticação nos humanos, mostrou-se uma poderosa ferramenta de simulação, processamento e aprendizagem de ideias, hábitos e emoções. O sonho teria tido um papel determinante na capacidade plástica e adaptativa de nossa espécie, pois envolvem habilidades de organização, memória, classificação e criação de informações por combinação. Não é o objetivo do presente texto, mas acreditamos que também a ficção científica poderia, por vezes, funcionar como uma espécie de oráculo probabilístico, nos moldes propostos por Ribeiro, operando também como estratégia de sobrevivência e tecnologia ancestral de cura individual ou comunitária. “O sonho foi o cinema de nossos ancestrais, bem mais fascinante porque potencialmente real. [...] A descoberta de que o sonho ilude deve ter sido feita inúmeras vezes no início da civilização, mas tudo indica que desde cedo essa descoberta veio acoplada à certeza de que o sonho, se não é real, pode influenciar o curso da realidade” (RIBEIRO, 2019, p. 42, grifo nosso).

perigoso), estes eventos ocorriam em frequência bem menor. Com exceção dos habitantes do extremo ártico, o que manteve a humanidade viva foi a coleta de uma variedade de grãos, raízes, frutas e a captura em armadilhas simples de alguns representantes aparentemente mais inofensivos do *Animalia*, tais como insetos, moluscos, aves, peixes e pequenos mamíferos. Assim, Fisher indica que foi algo como uma cesta (ou bolsa, ou pote, ou caixa, ou cabaça) que nos permitiu armazenar e transportar alimentos para nutrição e remédios para cura – e até mesmo um bebê, para carregá-lo e protegê-lo enquanto os responsáveis estavam envolvidos em outras atividades. Nosso imaginário, porém, costuma associar com mais facilidade a criação da humanidade a toda sorte de objetos cortantes e rígidos de caça, violência, domínio e morte. Pedras, lanças, facas e qualquer arma capaz de golpear um animal grande e assustador.

Le Guin aponta que a narrativa de explicação da humanidade focada na caça e na violência transportou essa mesma lógica para a própria narração e, com isso, de modo geral somos ensinados a contar histórias fazendo uso da *flecha* do tempo linear (com começo meio e fim), do *conflito* como questão central e, é óbvio, do *Herói* que tudo conquista e controla ao seu redor – poderoso, implacável, dominador.

Mas e as outras histórias? E os outros humanos? A vida não é organizada, linear, progressiva e muito menos a resolução de um conflito. A vida é complexa, processual, cheia de erros e confusão, coisas que se iniciam e não terminam, coisas que não terminam nunca... Diz Le Guin que

[...] a forma natural, apropriada e adequada do romance poderia ser a de um recipiente, uma cesta. Um livro contém palavras. Palavras guardam coisas. Elas *carregam sentido*. Um romance é uma caixa de medicamentos, guardando as coisas em particular e poderosa relação entre si e conosco. (LE GUIN, [1986] 2020, p. 5, grifo nosso).

A autora nos convida a pensar e criar histórias abertas para a complexidade, a estranheza e o *continuum* da vida, histórias que têm lugar inclusive para o Herói, para o conflito e para a morte, mas que não servem para exaltar o domínio de *um* Homem [*one Man*] – porque obviamente o herói é *um* homem [*a Man*].

Se a ficção científica é a mitologia da tecnologia moderna, então seu mito é trágico. “Tecnologia” ou “ciência moderna” (termos que abreviam descuidadosamente outros sentidos: como o de ciências “duras” e o de uma tecnologia de ponta fundada no crescimento econômico contínuo), é uma empreitada heroica, hercúlea, prometeica, concebida como triunfo e, por fim, como tragédia. A ficção que personifica esse mito sempre será, e sempre tem sido, triunfante (O Homem conquista a terra, o espaço, os alienígenas, a morte e o futuro, etc.) e trágica (apocalipse, holocausto, depois ou agora). Se, no entanto, evitarmos o modo linear, progressivo, da Flecha-(assassina)-do-Tempo do Tecno-Heróico, e *redefinirmos a tecnologia e a ciência como, sobretudo, uma cesta cultural, em vez de uma arma para a dominação*, pode decorrer o agradável efeito colateral em virtude do qual a ficção científica poderá ser vista como um campo muito menos rígido e estreito, não necessariamente prometeico ou apocalíptico e, de fato, *menos um gênero mitológico do que realista*. É um estranho realismo, mas é uma estranha realidade. (LE GUIN, [1986] 2020, p. 5-6, grifo nosso).

Ainda que o exercício da ficção científica possa parecer à primeira vista contraintuitivo, antinatural ou mesmo bobo, explorar mentalmente novas possibilidades pode render *insights* preciosos. Cestas e bolsas, signos e histórias, são artefatos semióticos que armazenam, transportam, reúnem, classificam e alimentam seres humanos desde tempos possivelmente mais distantes de nós do que os mundos de ficção científica. A ficção como uma cesta e como um signo é uma proposta que alberga e põe em relação não só humanos, mas seres diversos, conectados em redes de semioses mais ou menos próximas, mais ou menos dependentes, mais ou menos perceptíveis; mas nunca absolutamente irreais.

A ficção científica corretamente concebida, como toda ficção séria, por mais engraçada que seja, é uma maneira de tentar descrever o que realmente está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com tudo o mais nessa vasta cesta. (LE GUIN, [1986] 2020, p. 6).

Pensamos ser mais criativo e complexo pensar que a criação da humanidade passa por sua capacidade de criação. A autora faz uma analogia entre a capacidade de narrar e a cesta: ambas seriam umas das primeiras tecnologias evolutivas de nossa espécie. Que a cesta e a narração são artefatos semióticos e tecnologias tão sofisticadas quanto as da Tesla. Talvez até mais. Queiroz recupera a proposta de Andy Clark de que

a linguagem é um artefato, uma tecnologia, ou uma prótese, cujo acoplamento provê seus usuários com diversas habilidades inéditas, ou maximiza diversas habilidades inatas (percepção, navegação, memória, generalização e categorização, classes de inferência, e outras). (QUEIROZ, 2010, p. 38).

Contudo, Queiroz aponta que, para Clark, a linguagem só teria começado com as primeiras “palavras significativas”. O autor estende criticamente a proposta, sugerindo que essa não é uma boa expressão para indicar o acoplamento entre linguagem e ambiente específico do *Homo sapiens*, pois essa imbricação poderia ter iniciado com gestos ou mesmo ferramentas significativas, não necessariamente com linguagem articulada e conceitual. Uma cesta, talvez?

4 Na Realidade

Finalmente, tomar a ficção como signo e como uma cesta que carrega sentido, é pensá-la como algo que necessariamente está em relação com a realidade. Uma relação que se desenvolve, que evolui, que se transforma, que não acredita ser possível conquistar e exaurir o Real em definitivo. Se, de um lado, Peirce não permite o absolutamente incognoscível⁴, de outro, também nega uma realidade completamente concebível. Isso não significa que não possamos nos aproximar dela e, muito menos, que esse exercício não valha a pena. Sobre a realidade, essa é, inclusive, nossa única saída: imaginá-la e produzi-la. “Só se pode *especular* sobre o real e esperar que no processo inferência encontre-se a correspondência entre signo e objeto. [...] O fato da realidade ser processual [...] pode nos fazer pensar em como nossas ações *alteram e contribuem para o processo evolutivo*” (FRANCO; BORGES, 2015, p. 88, grifo nosso).

Junto a Le Guin, julgamos que o potencial especulativo da ficção científica de apontar e analisar uma parcela do real que não é frequentemente perceptível – provavelmente porque frequente e naturalizada demais em nosso cotidiano – pode ser uma interessante estratégia de sobrevivência num mundo que se despedaça, num céu em queda. Mais ainda: acreditamos que a habilidade – até onde sabemos – humana⁵ de formular e narrar ficções pode ser uma tecnologia ancestral de transformação do que é o caso no presente real no qual convivemos. Na ficção científica, o futuro se conjuga no presente e, sonhando outros mundos, podemos enxergar melhor este que habitamos e simular soluções para o distópico pesadelo ecocida e fascista que enfrentamos por todo o planeta.

4 Peirce recorrente e veementemente nega a possibilidade do absolutamente incognoscível. “Uma realidade incognoscível é um contrassenso” (EP1: 235).

5 “Exclusivamente humanos foram os relatos verbais dos sonhos, bem como as narrativas dos eventos da vigília, cada vez mais complexas e interessantes, à medida que aumentavam em nossa espécie a diversidade de palavras, a complexidade do discurso e a capacidade de memorizar, relembrar e recontar. É quase certo que os sonhos tiveram um lugar de destaque na crescente capacidade de narrar a existência humana, por representarem uma fonte, renovada a cada noite, de imagens, ideias, anseios e temores. Se o sonho reflete o que está acontecendo na vida do sonhador, os homens e mulheres das cavernas deviam sonhar com sua rotina de coleta de frutas e raízes, fabricação de armas e utensílios, planejamento e execução de caçadas, alianças e conflitos com outros humanos dentro e fora do clã, acasalamento, cuidado parental e morte” (RIBEIRO, 2019, p. 42, grifo nosso).

A ficção em particular, e a narração em geral, podem ser vistas não como um disfarce ou falsificação do que é dado, mas como *um encontro ativo com o ambiente por meio da proposição de opções e alternativas*, e uma *ampliação da realidade presente* ao conectá-la ao passado inverificável e o futuro imprevisível. (LE GUIN, [1980] 1989, p. 44-45, grifo nosso).

Com inspiração em Peirce e Le Guin, o exercício de pensar a ficção como signo e como cesta implica, antes de tudo, em *não* tomar a realidade como algo a ser conquistado ou exaurido por completo. Apoiando-nos na semiótica peirceana, a ficção ser um signo da realidade permite tratá-la como determinada pelo real. A ficção é signo cujo objeto não é necessariamente material, mas nem por isso desprovido de realidade. Necessariamente percebendo-o e representando-o sob certo aspecto, tem ciência de que, ao mesmo tempo em que seu objeto se impõe, ele também recua. Logo, a tarefa de *significar a realidade* é um trabalho contínuo de aproximar-se dela e quanto mais perto se chega, mais se percebe que há o que descobrir, que há com quem descobrir.

Parece-nos ser possível estender a proposta de Le Guin de fazer uma analogia entre habilidade narrativa e o artefato cultural da cesta para a própria ideia de linguagem ou de signo. Isso implica em um modo de compreender e comunicar que seja menos absolutista. Não se perde o rigor científico, uma vez que é o coeficiente de intangibilidade do objeto que serve de estímulo seja a empreitada científica, seja ao pensamento crítico transformador, seja à poesia ou aos romances. Assim como o objeto possui delimitações e não podemos falar qualquer coisa dele, uma cesta também possui uma capacidade de carregar determinado peso e, a depender de sua composição, pode não ser possível carregar determinados materiais, como líquidos ou algo de formato cortante.

Esperamos ter tido algum sucesso na defesa do conteúdo que nos propusemos, de que o modo abduutivo em que a ficção (especialmente a científica) opera pode alargar nosso conhecimento da realidade e transformá-la. Mais do que isso, o sucesso ocorrerá se tiver sido possível fazê-lo através do próprio uso de uma analogia triádica – entre ficção, signo e cesta. Que não seja, todavia, um sucesso heroico que arremata a questão, mas um que interessa as pessoas que escutaram em participar dessa história.

Referências

- BARRENA, Sara. *La creatividad en Charles S. Peirce: abducción y razonabilidad*. 452f. Tese (Doutorado em Filosofia). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Navarra, Pamplona, 2003.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Trad. de Lúcia Quental. *Cadernos IPUB*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 35-49, 2000.
- FRANCO, Juliana R.; BORGES, Priscila M. O real na filosofia de Charles S. Peirce. *TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, v. 12, p. 66-91, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/view/52619>>. Acesso em: 24/05/2022.
- LE GUIN, Ursula K. *A Ficção como Cesta: Uma teoria*. Trad. Priscilla Mello. Revisão de Ellen Araujo e Marcio Goldman. [1986] 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin>. Acesso em: 29/08/2021.
- LE GUIN, Ursula K. Some Thoughts on Narrative. In: *Dancing at the edge of the world*. New York: Grove Press, [1980] 1989, p. 37-45.
- NUBIOLA, Jaime. Walker Percy y Charles S. Peirce: Abducción y lenguaje. *Analogía Filosófica*, XII, 1, p. 87-97, 1998. Disponível em: <https://www.unav.es/gep/AN/Nubiola.html>. Acesso em: 13/05/2022.
- PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. 8 vols. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. (CP).

PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. 2 v. HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian; Peirce Edition Project (Eds.). Bloomington, IN: Indiana University Press, 1992; 1998. (EP 1; 2).

QUEIROZ, João. Linguagem, ferramentas e artefatos semióticos. *Anuário de Antropologia Social y Cultural en Uruguay*, GORSKI, Montevideo, Universidad de la Republica, v. 1, p. 37-44, 2010.

RIBEIRO, Sidarta. *O Oráculo da Noite: A história e a ciência do sonho*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Cassiano Terra. Peirce, Charles Sanders. In: CAMPILONGO, C. F.; GONZAGA, A. A.; FREIRE, A. L. (Coords.). *Enciclopédia jurídica da PUC-SP*. Tomo: Teoria Geral e Filosofia do Direito. 1ª ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/58/edicao-1/peirce,-charles-sanders>. Acesso em: 05/05/2022.

SANTAELLA, Lucia. Abduction: The Logic of Guessing. *SEMIOTICA*, v. 153, n.1, p. 175-198, 2005. [<https://doi.org/10.1515/semi.2005.2005.153-1-4.175>].

SANTAELLA, Lucia. O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. *Cognitio*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 75-83, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cognitiofilosofia/article/view/13210/9731>. Acesso em: 29/05/2022.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-11, jan.-dez. 2023
e-ISSN: 2316-5278

<https://doi.org/10.23925/2316-5278.2023v24i1:e61888>